

Rebuliços no passado: o ensino de história no museu comunitário

Los cambios en el pasado: la enseñanza de la historia en el museo de la comunidad

Cícero Joaquim dos Santos*

Resumo: A pesquisa analisa as memórias construídas a partir da cultura material exposta no Museu comunitário Casa da Memória de Porteiras, localizado na cidade de Porteiras, no Cariri cearense, Nordeste do Brasil. Almejando compreender a invenção do passado mediante práticas educativas museais protagonizadas pelos jovens da Associação Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), que administram o Museu, ela vem sendo desenvolvida, entrecruzando reflexões sobre a construção das memórias e os usos do passado no presente. Problematizando as aproximações e os distanciamentos entre a memória construída no Museu e os discursos históricos elaborados por outros grupos e sujeitos históricos, a pesquisa historiciza os passados inventados sobre a formação social de Porteiras. Além dos objetos expostos, ela utiliza como fontes os registros institucionais da entidade museológica, bem como periódicos, cartilhas jornalísticas e a historiografia do Ceará.

Palavras-chave: Museu. Memória Social. Ensino de História.

Resumen: La investigación analiza las memorias construidas a partir de la cultura material expuesta en el Museo Casa de la memoria de Porteiras, ubicado en Porteiras, en Cariri, Ceará, en el Nordeste de Brasil. El anhelo de entender la invención del pasado por las prácticas educativas museológicas encabezadas por los jóvenes de la memoria retratores Asociación de Porteiras (REMOP), que dirige el museo, se ha desarrollado, cruzando reflexiones sobre la construcción de memorias y usos del pasado en el presente. Al hablar de los enfoques y las distancias entre la memoria incorporada en el Museo y discursos históricos elaborados por otros grupos y temas históricos, la investigación historiciza el pasado inventado en la formación social de Porteiras.

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Ensino de História e Cidadania (NUPHISC/URCA) e do Laboratório de Imagem, História e Memória (LABIHM/URCA). E-mail: cjoaquims@yahoo.com.br.

Además de la exposición, que utiliza como fuentes los registros institucionales de la autoridad museo y revistas, folletos informativos y la historiografía de Ceará.

Palabras-clave: Museo. La memoria social. Enseñanza de la Historia.

Introdução

Se a vida é amiga da arte, enquanto houver vida e quisermos vivê-la de forma cada vez melhor, precisaremos da arte, da arte de inventar novos mundos possíveis, inclusive da arte de inventar o passado. (ALBURQUERQUE JR., 2007, p.65).

A epígrafe acima, que reitera a necessidade da arte na construção dos nossos mundos, é bastante significativa, na medida em que elucida também a arte de invenção do passado. Este, portanto, não se equipara à verdade sobre o que passou. Ele é, sobretudo, uma construção do presente, legitimado nesse tempo e que abre feches de luz sobre a ideia de futuro, ou sobre as expectativas deste. Assim, entrecruzando temporalidades, o passado é inventado, legitimado e propagado entre diferentes meios, focos e modos narrativos. Desse modo, a invenção se refere à construção social e apropriação da realidade por meio de variadas formas de conhecimento.¹ Nesse sentido, o termo invenção coloca em cena a dimensão temporal dos sujeitos, objetos e eventos, alargando o campo de possibilidades sobre sua construção. Dessa forma, o termo pode se referir à origem ou a uma ruptura que indica a fabricação de algo que se apresenta ou que é apresentado como novo (ALBURQUERQUE JR, 2007).

Neste escrito, a invenção do passado no presente diz respeito à tomada deste como objeto de conhecimento histórico, produzido a partir do olhar sobre o espaço museal. Em outras palavras, interessa-nos compreender como a ideia de passado foi construída no Museu comunitário Casa da Memória de Porteiras, entidade localizada na cidade de Porteiras, no Cariri cearense.² O Núcleo de Ação Educativa e Pesquisa desta instituição procurou, por meio da organização e exposição dos objetos do

¹ Sobre a relação entre história e invenção ver Albuquerque Jr (2011, 2007).

² A criação do distrito de Porteiras data de 9 de agosto de 1858, no termo da vila de Jardim. Sua emancipação política ocorreu em 17 de agosto de 1889, desmembrada do município de Jardim (PINHEIRO, 1963).

cotidiano da população, construir narrativas museológicas que, ao invés de apontar certezas sobre o passado do Cariri e, assim, apresentar respostas prontas para o público, lançar questionamentos e provocar o estranhamento nos visitantes sobre as relações que o presente estabelece com o passado, as funções do passado no presente e os usos políticos do pretérito na construção da ideia de futuro.

De acordo com Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2010, p.32), é importante considerar o museu como um lugar de estranhamento, “assumindo um papel próprio (e não conversível ao da palavra) na produção do conhecimento. Conhecimento que, para aproveitar a especificidade do museu, integra o cognitivo e o afetivo”. Assim, “Ao invés da monografia, é no questionamento poético que o museu teria uma de suas principais plataformas de conhecimento” (BEZERRA DE MENESES, 2010, p.33).

Pensando na contribuição que o estranhamento pode provocar à construção da consciência crítica, a partir da visita ao espaço museal, este artigo propõe uma reflexão sobre a invenção da formação social de Porteiras a partir do primeiro módulo da exposição de longa duração intitulada *Porteiras: Memórias entrelaçadas*.³ Esta foi a primeira exposição aberta ao público na Casa da Memória, ocorrida na inauguração do Museu, na manhã do dia 21 de setembro de 2007, durante a realização do III Seminário Espaço Aberto à Cultura – ESPACULT, que aprofundou o tema *Cultura material e memória social*.⁴

Revisitando a formação histórica: provocações no espaço museal

“A ‘defesa da memória’ assumiu proporções tão inesperadas que o tema passou a ser tratado de outra maneira. Tornou-se tarefa da teoria da história ‘desnaturalizar’ o valor positivo da memória, não simplesmente como reação de um corporativismo disciplinar, mas para estudar as vias através das quais foram se constituindo certas necessidades ou certas demandas que passaram a se apresentar na qualidade de valores imprescindíveis”. (RAMOS, 2011, p. 28).

Ao adentrar o primeiro módulo, *Formação Histórica*, os visitantes eram

³ Desde sua abertura ao público, em 2007, a exposição de longa duração sofreu algumas intervenções e alguns objetos foram alterados, sem, no entanto, comprometer a problematização pensada inicialmente.

⁴ A exposição de longa duração foi dividida em 5 (cinco) módulos, a saber: Formação Histórica, Religiosidades, Cotidiano (do Lar), Tempo Vivido e Expressões Culturais. Cada um deles foi pensado a partir de problemáticas históricas, amparadas na “pedagogia da provocação”, tecida no diálogo com o objeto gerador, no sentido apresentado por Régis Lopes Ramos (2004).

estimulados a ponderar, a princípio, sobre os porquês referentes ao objeto exposto no centro da sala: um candeeiro. Oco no seu interior e feito de lata de alumínio, com um fio de algodão que era acesso e alimentado pelo gás depositado no seu interior, os candeeiros eram frequentemente utilizados no cotidiano dos caririenses como instrumentos que alumiavam o interior dos lares, na escuridão das noites dos espaços rurais e urbanos, antes da chegada da iluminação elétrica. Em muitas residências localizadas nos espaços rurais, eles continuam clareando o tempo, quando o sol de põe. Todavia, quando musealizado, o objeto assume outros valores diferentes daqueles que lhes recobriam na sua produção ou nos usos cotidianos. Como afirma Régis Lopes,

Ao assumir a condição de objeto exposto, qualquer objeto entra em metamorfoses que dependem dos modos pelos quais as memórias são historicamente constituídas. Afinal, o museu não se define simplesmente como lugar de guardar e expor artefatos. Antes de tudo, o que acontece no espaço museológico é a metamorfose dos objetos, em simbiose com o poder, nas suas mais variadas situações. (RAMOS, 2010, p.76).

Assim sendo, os mediadores ponderavam sobre os significados daquele objeto. Logo, os visitantes eram instigados a pensar sobre o obscurantismo que recobria o passado (escrito) dos mais velhos e perceberem a inexistência da produção histórica sobre Porteiras, até os anos finais do século XX e o início do XXI. Indubitavelmente, a ausência de narrativas históricas e, conseqüentemente, de prática de ensino de história sobre aquela localidade foram fatores que provocaram, ao longo dos anos, ignorância social, no que diz respeito ao conhecimento histórico.⁵ Era necessário, portanto, estimular os visitantes a pensarem sobre o passado dos mais velhos e o presente da atual geração, provocando-os a refletirem sobre suas próprias historicidades, visto que, “sem o ato de pensar sobre o presente vivido, não há meios para construir conhecimento sobre o passado. E o próprio conhecimento sobre o presente já pressupõem referências ao pretérito.”(RAMOS, 2004, p.21).

No mesmo processo, essa obscuridade também corroborou para a

⁵ É válido destaque que, em algumas páginas dos escritos da historiografia tradicional do Cariri, aparecem referências ao passado dos porteirenses, estabelecendo sua inserção na história do Cariri. Todavia, elas foram mencionadas sucintamente, elucidando fatos dispersos e, comumente, políticos. Nesse momento, referimo-nos às obras de Irineu Pinheiro (1950,1963), João Brígido(2007), Pe. Antônio Gomes de Araújo (1973). Sobre a ausência de práticas de ensino de história sobre Porteiras e suas conseqüências para a localidade, ver Santos (2011).

inexistência de uma identidade oficial dos porteirenses até a década de 1990. Não contraditoriamente, isso colaborou para a manipulação da ideia do passado no presente, por grupos políticos nos últimos anos da segunda metade do século XX. Como nos lembra Régis Lopes Ramos (2010, p. 76), o passado “não é simplesmente aquilo que passou, e sim um saber que se faz nas disputas de posições conflitantes e interessadas em criar certas legitimidades no presente e a partir do presente, compondo seleções que pretende seduzir o futuro (...)”.

Nesse cenário, a Prefeitura Municipal de Porteiras publicou, no ano de 1995, uma cartilha intitulada *Roteiro Histórico de Porteiras*, elaborada pelo Jornalista Antônio Vicelmo, natural deste lugar. Ela foi amplamente divulgada e distribuída nas instituições públicas e privadas da cidade, bem como entre os moradores das zonas urbana e rural do município. Esta cartilha foi o primeiro registro oficial (que conhecemos) que procurou construir uma identidade social para os porteirenses. Segundo o documento,

As primeiras informações sobre a origem da cidade de Porteiras datam do século XVIII, quando a área onde, hoje, encontra-se instalada a sede do município, era ponto de passagem de transeuntes, que se deslocavam do sítio Simão, no sopé da serra do Araripe, para a cidade de Jardim que, na época, era um dos mais prósperos municípios do Cariri. Nos baixios, que circundam a elevação, onde está localizada a cidade de Porteiras, era formada uma grande lagoa, denominada de Lagoa do Ariosa. O nome Ariosa está, provavelmente, relacionado com o colonizador Manoel Rodrigues Ariosa, que foi um rico proprietário de terras no Cariri (NASCIMENTO, 1995, p.2).

A referência à ocupação promovida por Manoel Ariosa também foi escrita pelo jornalista João Brígido dos Santos (1829-1921). No clássico estudo *Apontamentos Para a História do Cariri*, de sua autoria, o espaço que atualmente corresponde ao município de Porteiras foi colonizado pelo norte-rio-grandense Manoel Ariosa. De igual modo, ao refletir sobre as primeiras famílias (e seus chefes) que povoaram o Cariri, o jornal *O Araripe* noticiou no dia 04 de agosto de 1855, o nome de “Manoel Ariosa, que fez morada em Porteiras, donde veio chamar-se Longos anos de Lagoa do Ariosa”.⁶

⁶Jornal *O Araripe*, n.5. Sábado, 04 de agosto de 1855, p.2. Este foi o primeiro periódico cratense, publicado entre os anos de 1855 a 1865. Ele foi fundado e redigido pelo jornalista João Brígido dos Santos (PINHEIRO, 1950). É importante destacar que existem controvérsias no que diz respeito à ocupação do Cariri no período apontado por João Brígido, como é o caso da análise tecida por Antônio

A cartilha amplamente divulgada também aponta para a toponímia de Porteiras, fazendo alusão às vastas propriedades de terras adquiridas pelos colonizadores, por meio das sesmarias.⁷ Conforme o *Roteiro Histórico de Porteiras*: “Com o plantio de roças, ao longo do percurso Simão-Jardim, os proprietários de terras colocaram duas porteiras, na entrada e nas saídas dos terrenos, passando-se a chamá-las de Porteiras de Fora e Porteiras de Dentro. Daí a origem do nome de Porteiras” (NASCIMENTO, 1995, p.2). De igual modo, ao refletir sobre o povoamento do Cariri, o Pe. Antônio Gomes de Araújo afirmou que “a atual cidade de Porteiras – denominação evocativa – bem na encosta da Chapada do Araripe, foi em seus primórdios, uma fazenda de gado” (1973, p.139).

Assim, os escritos citados que inventaram a origem de Porteiras entrecruzam informações que associam um lugar de transeuntes, um colonizador que deu nome ao lago que outrora cercava o lugar e uma extensa fazenda de gado, que teria dado origem à identificação do marco inicial do antigo povoado que, em 1889, deu nome à vila e ao Município de Porteiras.⁸

Logo, percebemos que, na cultura escrita, a origem de Porteiras foi tecida nos jornais que circularam no Cariri no século XIX, bem como nos escritos da historiografia do Ceará (em suas poucas e dispersas referências à Porteiras), e na cartilha do jornalista Antônio Vicelmo, associada à figura de Manoel Ariosa, à existência de uma larga fazenda de gado, sobre a qual, os viajantes que outrora cruzavam as vastas terras da região, transitavam. Mas quem eram os sujeitos que deram origem à formação social do lugar? Como suas relações sociais e modos de viver eram tecidos?

Na cartilha *Roteiro Histórico de Porteiras*, o jornalista Antônio Vicelmo afirmou que,

O povoado de Porteiras nasceu do acampamento de vaqueiros, que reunia o gado procedente da serra do Araripe no local onde, hoje, ergue-se a atual cidade. Os vaqueiros armaram as primeiras barracas que, depois, foram transformadas em casebres e ruas, surgindo, daí o povoado (NASCIMENTO, 1995, p.3).

Bezerra de Menezes (1841-1921), em seu clássico estudo *Algumas Origens do Ceará*, publicado em 1918, ver Bezerra (2009).

⁷ O processo de ocupação do Cariri mediante a obtenção das sesmarias pode ser visto em Pinheiro (1950).

⁸ Sobre a fundação da Câmara Municipal da vila de Porteiras, ver Ata de Instalação da Câmara da vila de Porteiras. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

Por sua vez, ao referir-se ao município de Porteiras, R. Batista Aragão diz que “Suas origens datam do século XIX, quando ao sopé da Serra do Araripe vários agricultores se estabeleceram, gerando o arraial em próspero andamento” (ARAGÃO, 1996, p.188).⁹Nesse direcionamento, percebemos que os primeiros porteirenses foram identificados ora como vaqueiros, ora como agricultores. Cabe-nos perguntar: Nessa invenção, tais sujeitos se complementam ou se distanciam? Agricultores e vaqueiros formaram uma única categoria e representam um grupo social?

Percebemos que, na invenção escrita de Porteiras, nos anos iniciais da década de 1990, a imagem do vaqueiro obteve destaque como um personagem que aglutinava e sintetizava a identidade dos porteirenses. Dessa maneira, a ideia de uma extensa fazenda de gado e de lugar que outrora fora um acampamento dos vaqueiros, foi difundida como um elemento de fundação do lugar, dando sentido à sua origem (até então desconhecida nas práticas de ensino nos espaços escolares) e, simultaneamente, projetando imagens e representações históricas que cortinou as tensões sociais presentes na sua constituição como espaço, entendendo-o como um lugar praticado, no sentido apresentado por Certeau (2007).

Inquietando esse horizonte constitutivo de memórias, na exposição museal, a problemática foi direcionada à representação do vaqueiro e à formação social de Porteiras. Nessa linha de raciocínio, os mediadores associavam o candeeiro à sela e aos demais instrumentos usados pelos vaqueiros que foram expostos do lado direito da sala. Assim, os questionamentos: “quem foram eles?”, “como viviam e se relacionavam?” “Quais padrões socioculturais obtiveram destaque no passado daqueles sujeitos?”, eram lançados para os ouvintes. Além destas, um dado instigante despertava a curiosidade dos visitantes: a sela exposta era feminina.

Segundo o *Vocabulário Popular Cearense*, escrito pelo historiador Raimundo Girão (1900-1988), o termo *sela de gancho* representa a “sela de mulher, própria para ficar sentada de lado, com uma das pernas apoiada no estribo e a outra descansando no gancho meio recurvo da sela” (2007, p.329). Já para o folclorista Câmara Cascudo (1898-1986), este objeto ganhou o nome de cilhão que “é uma sela adaptada ao uso feminino, com gancho na face anterior para facilitar o equilíbrio, e

⁹ Ainda segundo Aragão, “as primeiras referências eclesiásticas, datam do ano de 1821, quando no reduto celebrou-se a primeira missa, tendo como oficiante o padre João Bandeira de Melo, então vigário de Jardim” (1966, p.188).

apenas um estribo, à direita, com loro curto” (2002, p.626). Referindo-se a segunda metade século XX, ele afirmou ainda que a sela feminina “está em franca decadência porque as mulheres preferem montar como homem. Mas tanto no Seridó quanto no oeste norte-rio-grandense o cilhão é ainda muito utilizado”. No Cariri cearense, em especial nos espaços rurais, o uso deste objeto também perdurou.

Assim, a referência às mulheres era entoada. Por conseguinte, as perguntas eram lançadas: Como viviam as mulheres no passado do Cariri? Quais seus modos e padrões de comportamento? E como processaram e teciam suas trajetórias políticas, sociais, culturais e de gênero? Nesse direcionamento, o elo que entrelaça a complexidade da vida social também foi tecido a partir do levantamento de perguntas sobre outros objetos que foram expostos.¹⁰

Na exposição, a sela feminina ficou ao lado de um pote indígena e de um tronco de madeira antes pertencente ao quilombo dos Souza.¹¹ Desse modo, o problema foi direcionado também para a composição étnico-social dos vaqueiros e, por conseguinte, para a contribuição das diferentes etnias na formação social dos porteirenses e demais caririenses. Assim, os visitantes eram provocados a refletir sobre a presença e os processos sociais que envolveram os índios, os brancos, os pardos e pretos livres e cativos, em Porteiras e na Região do Cariri.

Sobre os ameríndios, é sabido que os índios Kariris (ou kiriris) ocupavam, dentre outras áreas, a extensão territorial da área que atualmente recobre o Cariri, fator este decisivo para a sua identificação (PAZ, 2005). Conforme Pinheiro (1950), esta região foi colonizada no início do século XVIII, e as atuais cidades do Crato e Missão Velha, entre outras, foram antigos aldeamentos destinados à conversão e pacificação dos índios.

No que diz respeito aos conflitos entre estes e os colonizadores que ocuparam a área do município de Jardim (o qual integrava a povoação de Porteiras, até o ano de 1889), Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho, afirmaram: “Pior a sorte dos índios jardinenses, perseguidos a ferro e fogo pelos os fazendeiros que os acusavam de lhes roubar o gado dos campos” (2010, p.30). Assim sendo, a ideia de um passado tenso e

¹⁰ Desconhecemos pesquisas históricas sobre o lugar da mulher na formação social de Porteiras e do Cariri.

¹¹Esses objetos foram doados ao Museu durante a realização da campanha Casa da Memória, no ano de 2007. A comunidade quilombola dos Souza fica localizada no sítio Vassourinha, na área plana da Chapada do Araripe, zona rural do município de Porteiras. Ela foi reconhecida oficialmente pela Fundação Cultural Palmares como remanescentes quilombolas, no ano de 2005, verem Santos (2011).

conflituoso emergiu no espaço museal, a partir das historicidades estabelecidas entre a sela feminina e a arte indígena. E as disputas pelo passado, no presente, não ficaram por aí.

Sobre a presença dos africanos e afrodescendentes e do trabalho escravo (dos pardos e pretos), um silêncio foi processado ao longo dos tempos. Não foram encontradas referências na produção escrita (livros e artigos) sobre a presença e a vida social dos povos afrodescendentes e dos cativos em Porteiras. E a obra do jornalista porteirense Antônio Vicelmo nada fala sobre isso.

Todavia, os intelectuais que atuaram na construção da historiografia tradicional do Cariri, embora provavelmente tivessem acesso às fontes diversas¹², pouco elucidaram as trajetórias, experiências ou modos de viver dos negros livres e dos cativos no Cariri. Logo, o silêncio, quando problematizado, é também bastante significativo (POLLAK, 1989).

Na exposição analisada, o silêncio foi quebrado, pois os visitantes foram estimulados a historicizá-lo. E os questionamentos eram lançados: “Como viviam, na região, os índios, negros e pardos (livres e escravos) e os brancos?” E como eram constituídas, no cotidiano, suas relações sociais, entre festividades, religiosidades, sexualidade, trabalho, enfim, como sujeitos que, marcados pelas relações de poder, em suas mais variadas formas, sobreviveram no mesmo espaço?

Eurípedes Funes (2007) apresenta dados estatísticos sobre a presença de escravos no Ceará e no Cariri. Na configuração representativa da população em áreas produtivas da província do Ceará, em 1813, ele detectou, na área que pertencia à vila de Jardim, um total de 32.822 moradores, sendo que destes, 1.742 eram brancos, 5.203 pretos livres, 24.180 mulatos livres e 1.697 cativos, estes últimos entre pretos e mulatos.¹³

Esses dados demonstram que, naquele momento, além da existência dos

¹² Nos fóruns da Região do Cariri, foram guardados variados documentos que, se problematizados, podem elucidar as relações sociais entre brancos, negros e pardos (estes últimos livres e cativos) no Cariri de outrora. Alguns desses documentos, como inventários e processos crimes, estão disponíveis à consulta pública no Centro de Documentação do Cariri (CEDOC Cariri), sediado no Campus do Pimenta, da Universidade Regional do Cariri (URCA). Além destes, os jornais do século XIX muito contribuíam para a problematização das relações de dominação e resistência, como é o caso de “O Araripe”, também disponível à consulta no CEDOC Cariri e na Biblioteca Pública Meneses Pimentel, em Fortaleza/CE.

¹³ Já no ano de 1881, percebemos uma diminuição do número de cativos na área de Jardim. As fontes do Arquivo Público do Estado do Ceará Sobre os cativos indicam que, até o dia 30/06/1881 foram matriculados, 526 escravos em Jardim, dispersos entre os espaços urbanos e rurais. Deste, os homens, em sua maioria, foram identificados como estando nos espaços rurais, ver em Funes (2007, p.110-114).

cativos no sul do Ceará (e, assim, em Porteiras), o que descortina o silêncio sobre eles nestas terras, existia uma proximidade estatística populacional entre os números de brancos (livres) e cativos pardos e pretos. E que, além do número de pretos livres ser superior ao dos brancos, grande parte da população era mulata livre. Dessa forma, não podemos associar a imagem dos negros simplesmente à condição de escravos. Isso por si só constitui um juízo de valor e demonstra a continuidade da violência historicamente atribuída à população negra (FUNES, 2007; RIBARD, 2006). Sem negar a existência dos negros e pardos livres e cativos, é necessário ir além dos dados e historicizar suas relações sociais e modos de viver. Tais questões carecem ser analisadas e publicizadas na e para a academia e outros públicos diversos.¹⁴

No museu, a provocação tecida entre a sela feminina, a arte indígena e o tronco, colocou em xeque as historicidades da representação do vaqueiro como sujeito ícone na formação social de Porteiras. No *Roteiro Histórico de Porteiras* esse personagem obteve destaque. Por outro lado, em outros escritos, os agricultores foram mencionados com ênfase. O que não podemos esquecer é que, até meados da segunda metade do século XIX, a atividade agrícola era vista, por alguns intelectuais e pela gente abastada da região, em consonância com os valores implantados na colonização da América portuguesa, como um serviço para os escravos. Ou seja, o trabalho pesado não era digno de reconhecimento dos homens possuidores de status social, político e econômico. Naquela contextura, o trabalho braçal cabia para os cativos, mulatos e brancos pobres. Era, portanto, recoberto pelo preconceito.¹⁵

Dessa maneira, diferente do trabalhador braçal, que era visto sob olhares de menosprezo social, o vaqueiro foi inventado como um símbolo da paisagem cultural do sertão nordestino. Assim sendo, a partir da primeira década do século XX, a imagem do vaqueiro foi tecida em diversas artes, como na literatura, na música, na pintura, nos registros dos folcloristas, na historiografia, entre outras, como um símbolo do Nordeste (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011; BRANDÃO, 2008). Nessa construção, a configuração do perfil do vaqueiro convergiu para a imagem de um sujeito aguerrido, destemido, viril, veloz e, portanto, um ícone de bravura e

¹⁴ Sobre esse cenário, a historiadora Maria Daniele Alves (2010), problematizou os variados anúncios sobre vendas, fugas, recompensas, assassinatos, infanticídios e suicídios de escravos no Cariri, através do *Jornal O Araripe*, já mencionado. Outro trabalho de destaque na nova historiografia do Cariri que aponta para as experiências da família escrava nesta região foi escrito pela historiadora Ana Sara R. P. Cortez (2008).

¹⁵ No que toca à construção do preconceito para com os serviços braçais na América portuguesa, ver Algranti (1997).

masculinidade.

Segundo o historiador cearense Raimundo Girão (2007, p.354), o vaqueiro é aquele “que toma conta do gado de uma fazenda, seja o próprio dono, seja um preposto. O homem que, pelo destemor e tenacidade, tanto contribuiu, desde os inícios da colonização, para construir a civilização nordestina.” E no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo reitera que o vaqueiro,

é o pastor de gado, guarda das vacas. Figura central do ciclo pastoril. (...) Na criação do gado, a lida unificou os homens ricos e pobres. Os donos e os escravos na mesma linha tenaz de coragem e de batalha. Não pode haver diferenciação específica nas missões de *dar campo*, para o moço branco e o negro escravo. São dois vaqueiros. (...) Vão os dois, patrão e servo, para a mesma batalha, lado a lado, ao encontro do mesmo fim, com disposições idênticas e nas veias a mesma herança orgulhosa de vaqueiro e de cavalos sem derrotas. Ser vaqueiro é ser destemido, corajoso; é ser perseverante, ter paciência e sabedoria. (2002, p.718-719).

Nesse cenário discursivo, a valorização à imagem do vaqueiro não é inocente, como a exposição tecida no espaço museal também não é (RAMOS, 2004). A figura do vaqueiro, vista como um tradicional símbolo de força e bravura no espaço nordestino enaltece um passado fundador, colaborando, assim, à construção de uma cultura histórica que atribui a esses sujeitos um lugar no passado que servem de exemplo à sociedade do presente, pois eles sobreviveram/sobrevivem em um espaço que, desde o início de sua invenção, a partir da primeira década do século XX, foi identificado como hostil e severo, em virtude das secas que castigavam e provocavam a miséria das populações sertanejas que, por sua vez, ocultava as relações de poder provocadoras das desigualdades sociais (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011).

Segundo Brandão (2008, p.127), “No Brasil, o espaço para o surgimento do vaqueiro ocorreu com a instalação das fazendas de gado no interior do Nordeste, no século XVII”. Associada à vida na pecuária, foi a figura do vaqueiro que se consolidou como ícone do Nordeste, e não o fazendeiro. Nesse direcionamento, “a ideia construída do vaqueiro é difusora da liberdade de locomoção em área longe dos centros vigiados pelas autoridades e das possibilidades de acessão social. O vaqueiro é, nesse caso, a personificação da liberdade que se admite grassar no sertão” (BRANDÃO, 2008, p.128).

Nas tessituras que compuseram esse personagem, Brandão lembra-nos ainda

que na mesma proporção em que ele representa um símbolo de liberdade no Sertão, na medida em que havia para ele possibilidades de mobilidade social, concomitantemente, ele era um signo da dominação nas relações sociais no sertão, visto que, comumente, o vaqueiro atuava como um representante do patrão fazendeiro, o que corroborava à manutenção da ordem social, estruturada principalmente com base na concentração da propriedade fundiária e nos usos cotidianos da violência.

Logo, diferente dos registros de Cascudo (2002) e Girão (2007), os vaqueiros e os fazendeiros possuíam lugares sociais distintos, bem definidos na hierarquia das relações sociais, embora a relação entre eles fossem baseada na fidelidade mútua, muitas vezes firmada nos laços de compadrio, através do apadrinhamento dos filhos dos vaqueiros pelos senhores. Mesmo assim, não negamos as tensões que nas lidas do ofício e no cotidiano pautado nas relações de poder, eram provocadas. Em outras palavras, não há igualdade entre eles, pois outrora pertenciam a classes ou segmentos sociais distintos (BRANDÃO, 2008). Nesse contraponto, a imagem construída sobre o vaqueiro é um indício bastante significativo para problematizarmos a complexidade das relações sociais e as invenções do passado no presente, nas e sobre as diferentes regiões nomeadas homogeneamente como Nordeste.

Conclusão

Por tudo isso, percebemos que as representações históricas construídas no Museu comunitário Casa da Memória de Porteiras apontam para a problematização das representações do passado dos porteirenses e demais caririenses, provocando a reflexão sobre a invenção do passado nos registros escritos e sua historicização no espaço museal, o que nos faz lembrar que “se um museu pretende ser educativo, necessariamente deve existir o cultivo da crítica historicamente fundamentada. Afinal, não se trata apenas de promover o conhecimento, mas o próprio conhecimento, que incomoda na medida em que conhecer não é confirmar o que se sabe” (RAMOS, 2011, p.29).

Nesse sentido, a provocação colocou em xeque a invenção do vaqueiro na cultura escrita e sua problematização a partir da história dos objetos. Nessa mesma trilha discursiva, a representação do vaqueiro, visto como ícone do Sertão de

imprescindível contribuição para a “construção da civilização”, silencia as disputas e tensões sociais imersas nas relações sociais e nos processos históricos. O vaqueiro, nesse caso, serviu de modelo na invenção do passado de Porteiras.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: MELLO E SOUZA, Laura de. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 83-154.

ALVES, Maria Daniele. **Desejos de civilização: representações liberais no Jornal O Araripe (1855-1864)**. Dissertação (Mestrado), – Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, CE, 2010.

ARAÚJO, Antônio Gomes de. **Povoamento do Cariri**. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1973.

BEZERRA, Antônio. **Algumas origens do Ceará**: Defesa ao Desembargador Soares Reimão à vista dos documentos do seu tempo. Fortaleza: FWA, 2009. (Fac-símile da edição de 1918).

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano Toledo. O museu e a questão do conhecimento. In: GUIMARÃES, M. L. S.; RAMOS, F. R. L. (Orgs.). **Futuro do Pretérito**: Escrita da história e história do museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010, p.13-33.

BRANDÃO, Tânia. M. P. O Vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, A. T. et al. **História: Cultura e sentimento**: Outras histórias do Brasil. Recife: Ed.UFPE; Cuiabá: Ed.UFMT, 2008, p. 121-134.

BRÍGIDO, João. **Apontamentos para a história do Cariri**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2007. (Edição reproduzida do Diário de Pernambuco de 1861 – Fac-similar).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos: A família escrava no Cariri cearense (1850-1884)**. Dissertação (Mestrado), –

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2008.

FIGUEIREDO FILHO, J. de; PINHEIRO, Irineu. **Cidade do Crato**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. (Fac-símile da edição de 1955).

NASCIMENTO, Antônio Vicelmo do. **Roteiro histórico de Porteiras**. Porteiras: Prefeitura Municipal de Porteiras, 1995.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja católica e as romarias de Juazeiro**. Tese (Doutorado), - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2005.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1963.

_____. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: S/E, 1950.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Utilidades do passado: Museu, memória e ensino de história. CAVALCANTE, Maria Juraciet al. **História da educação comparada**: discursos, ritos e símbolos da educação popular, cívica e religiosa. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p.27-51.

_____. As utilidades do passado na biografia dos objetos. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes (Orgs.). **Futuro do pretérito**: Escrita da história e história do museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010, p. 50-77.

_____. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **Passado alumiado**: representações históricas de Porteiras. Fortaleza: IMOPEC, 2011.

*Recebido em Dezembro de 2014.
Aprovado em Dezembro de 2014.*